

Na hora do desespero

Ricardo Noblat

O brigadeiro Moreira Lima, ministro da Aeronáutica, perdeu uma excelente oportunidade de ficar calado — como calados, pelo menos até aqui, têm-se mantido seus colegas do Exército e da Marinha. Sem que ninguém o tivesse provocado, o brigadeiro advertiu: "O próximo presidente vai jurar e vai ter que cumprir a Constituição. Se a Constituição for arranhada, os poderes poderão ser chamados." Que poderes são esses?



Os que o Exército, a Marinha e a Aeronáutica representam? Se o presidente da República arranha ou tenta arrancar a Constituição, o Supremo Tribunal Federal tem como reparar o arranhão — o Congresso tem como consertar o erro cometido ou até como mandar mais cedo para casa o presidente. Os chefes militares tiveram um comportamento irrepreensível até o desfecho do primeiro turno da eleição. O ministro da Aeronáutica disse uma bobagem.

O que disse, de todo modo, foi mais dirigido para o público dos quartéis do que para o público aqui de fora, às vésperas de ter que definir quais os candidatos que irão disputar o segundo turno da sucessão do presidente José Sarney. Até onde é possível saber, há tranquilidade nos meios militares — embora, em um lugar ou em outro, a possibilidade de Lula de concorrer no segundo turno comece a produzir uma certa turbulência.

Na manhã da última segunda-feira, por exemplo, o capitão-de-mar-e-guerra César Augusto, comandante da Base Naval de Aratu, perto de Salvador, reuniu cerca de 50 oficiais para falar sobre a eleição presidencial. Leu alguns trechos do programa de governo do candidato do PT. A certa altura, observou: "Um operáriozinho qualquer não chega a presidente." Depois concluiu: "Pode até ganhar mas não vai governar."

Em São Paulo, os recrutas de uma importante unidade militar foram reunidos na semana passada para ouvir a exposição do comandante deles. Os recrutas deveriam dar baixa no final de dezembro. O comandante explicou que a baixa fora transferida

para março — e que ficaria para mais adiante caso Lula se elegeisse presidente. "Nessa hipótese, não vamos querer ter tropas destreinadas." Excesso de zelo do comandante — ou não.

Arreganhos de servidores da ordem mais obtusos — talvez. Há movimentos de última hora que sempre podem influir no resultado da eleição de hoje — e há a vontade do eleitor que está sendo elaborada e reelaborada até o momento de ele depositar o voto na urna. O professor David Fleischer, da Universidade de Brasília, estima que 25% a 35% dos eleitores costumam mudar de opinião nas 48 horas que antecedem o dia do voto.

Pesquisa do Instituto Gallup, publicada ontem pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, registrou que pouco mais de 25% do total de 82 milhões de eleitores ainda não decidiram em quem votar. Estreitou o espaço para que florescesse o chamado "voto útil". Estreitou porque três ou quatro candidatos estão chegando embolados na briga por uma das vagas para o segundo turno. A estarem certas as pesquisas, Collor de Mello garantiu uma das vagas.

A segunda estaria sendo disputada por Lula, Brizola e Covas. No ar, ainda é muito forte o cheiro de Lula — o cheiro de Covas é mais forte entre os eleitores das classes A e B, onde ele sempre foi forte. Pode estar mais forte agora. Brizola atravessa o instante de maior desespero da campanha dele. Lula entrou na sucessão sem nenhuma obrigação de vencer. Talvez até preferisse ir para o segundo turno e perder.

Ganharia a confortável posição de líder da oposição a um governo que será obrigado a adotar medidas impopulares para baixar a inflação e realimentar o crescimento econômico do país. Covas já chegou além do que pensava e do que poderia chegar — ainda mais, praticamente, sozinho, com a ajuda mínima dos seus colegas de partido. Covas tem mais quatro anos de mandato como senador. Tem o governo de São Paulo pela frente.

Pode preferir, até, apoiar Franco Montoro na sucessão do governador Orestes Quércia. A hora de Brizola é esta — depois, daqui a cinco anos, será muito difícil que ele possa retomar o sonho de se eleger presidente da República. O desespero dele, portanto, tem cabimento. A poucas horas da apuração dos primeiros votos, as previsões perdem importância, e as urnas podem oferecer surpresas.